

APRENDIZAGENS SOBRE O CANDOMBÁ... E SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE SUJEITOS... E ENTRE SUJEITOS E CANDOMBÁS...

Rosiléia Oliveira de Almeida*

* Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas das Faculdades Jorge Amado – FJA, Salvador - BA. Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas - SP. E-mail: rosi_oliveira@terra.com.br

Resumo: Apresenta um relato de uma incursão etnográfica na Serra do Piauí, no município de Piatã – BA, no qual as aprendizagens da pesquisadora sobre o candombá, realizadas durante uma trilha em busca dessa planta do sertão nordestino, se misturam com suas aprendizagens sobre a relação ontológica de um morador local com o candombá e a serra do Piauí e, por fim, se estendem para a reflexão sobre a densa trama em que se envolvem todo sujeito, todo objeto e toda relação de conhecimento.

Palavras-chave: candombá; etnografia; construção do conhecimento; saberes locais.

Abstract: It presents a report of an ethnographic incursion on the Piauí Ridge, in the district of Piatã / BA, in which the studies of the researcher about the candomba, done during a track in search of this plant of the northeastern wilderness are mixed with her knowledge about the ontological relation of the local inhabitants with the candomba and the Piauí Ridge and, at last, they are extended to a reflection about the dense plot in which are involved all the subjects, all the objects, and all the relationships of knowledge.

Keywords: candomba; ethnography; knowledge building; local knowledge.

1 PONTO DE PARTIDA

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.
(João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, p. 326).

Para quem nunca viu é a coisa mais linda do mundo! E agora ele vai para os livros, né? (Juarez, morador de Piatã, na serra do Piauí, professor de candombá e de muitas coisas mais).

Desde que nós professores do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas das Faculdades Jorge Amado decidimos batizar nossa revista virtual de **Candombá** foi atizado meu desejo obstinado de conhecer mais sobre esta planta contraditória do sertão que “queima sem pegar fogo” e passei a realizar tentativas de registrá-la fotograficamente. Isso não só para atender à minha curiosidade, mas também para que eu pudesse compartilhar com nossos alunos os conhecimentos que fui construindo.

Em Os Sertões, Euclides da Cunha, já em 1902, nos fornece uma única referência ao candombá, quando relata sua utilização pelos sertanejos para iluminar as noites escuras, bastando para esse fim “acender um ramo verde e agitar pelas veredas”. (CUNHA, 2005, p. 87).

Sobre o meu objeto cognoscível, o candombá, tinha até pouco tempo atrás apenas algumas noções esparsas. Sabia o seu nome científico, *Vellozia sincorana* L.B.Sm. & Ayensu, o fato de ser uma planta endêmica da Chapada Diamantina e algumas características como a de possuir caule grosso e fibroso com grande resistência às queimadas, e, também, a de produzir uma resina que queima muito facilmente, mesmo quando úmida, favorecendo a propagação de incêndios. Sobre os seus usos, quando muito,

sabíamos que suas folhas são empregadas tradicionalmente pelos sertanejos para acender o fogão à lenha.

2 NA FEIRA DE ABAÍRA... UM ENCONTRO POR ACASO.... POR ACASO?

Embora soubesse que na região da Chapada Diamantina o candombá é endêmico, nunca imaginei que iria conhecê-lo por acaso. Passeando, em 18 de fevereiro de 2006, pela feira de Abaíra, tive um encontro fortuito e inesperado com o candombá na forma em que ele é usado para acender o fogo. O feirante me explicou que as pessoas usam as lascas que ficam em torno do tronco do "candombá" para produzir as labaredas. Ele vende essas lascas em sacolas (Fig. 1) e também comercializa as tochas, feitas de partes do caule, que podem durar mais de quarenta anos quando enterradas (Fig. 2).



Fig. 1. Lascas do caule de candombá. Feira livre, Abaíra - BA.



Fig. 2. Caules de candombá. Feira livre, Abaíra - BA.

O feirante, que pega o candombá na serra, perto de uma certa capelinha em Piatã, esclareceu, ainda, que o miolo é bom para gastrite e que também é usado para fazer "pilão de pisar temperos" e enfeites. Da resina extraída da raiz pode-se fazer incenso, sendo que ela é retirada de um bolo mole na terra, a uma profundidade de menos de meio metro, cavando-se a uma distância de um metro em torno do pé, para não prejudicá-lo. Alertou para o fato de que essa resina é perigosa, pois ela cola quando queima.

Alguns habitantes antigos de Abaíra nos explicaram que o candombá, quando em chamas, solta fagulhas que facilitam a propagação do fogo na lenha. Embora tenha muito candombá em Mucugê, uma moradora nos informou que o feirante traz o candombá da região dos Gerais, em Piatã. Ela explicou que a parte do candombá que queima e que fica protegida pelas folhas não molha com a chuva, manifestando seu deslumbramento com esse fato.

3 SERRA DO PIAUÍ: LÁ ONDE OS SERTÕES E O GRANDE SERTÃO: VEREDAS SE ENCONTRAM...

No percurso de Abaíra para Piatã, também por acaso(?), demos carona a dona Rosinha e a seu filho pequeno no dia 30 de março de 2006. No caminho, ao perguntarmos se ela já tinha visto por ali o candombá, ficamos sabendo que bem ali, pertinho de sua casa, na serra do Piauí, era cheio de candombás, usados na casa de D. Rosinha para acender o fogão à lenha de manhãzinha. Marcamos uma visita para daí a dois dias, para que Juarez, o marido de D. Rosinha, nos levasse até a serra. E lá estávamos no dia 1º de abril, conforme combinado.

Enquanto subíamos a serra, ouvíamos apenas o assovio alegre de Juarez e o som do facão afastando os aruás. Na busca dos candombás de *Os Sertões* nem desconfiávamos que bem pertinho deles também iríamos nos deparar com a canela-de-ema, de *Grande Sertão: Veredas*. Foi Juarez quem nos apresentou à canela-de-ema (Fig. 3), explicando que ela é "da família" do candombá e que também é boa para pegar fogo. Sobre essa sua propriedade já havíamos aprendido com o fazendeiro Riobaldo, ex-jagunço de *Grande Sertão: Veredas*, no trecho em que narra a sua passagem aventureira pelo sertão da Bahia, dizendo como fazia para apaziguar o frio:

Não por moleza ou falta de hombridade; ah não: tanto em que durou minha chefia, e acho mesmo que de dantes, eu aguentei tudo o que é cão e leão. Corrijo e digo: só o frio é que mal tolerarei. Quando geava, dormi deveras estreito entre diversas fogueiras. O frio desdiz com jagunço. A gente indo, ali mesmo nos altos tabuleiros, enchemos surrões com talos de canela-de-ema, boa acendedora de fogo. A canela-de-ema de qualidade – crescida mais de metro, acertante. Depois da madrugada, de guardado eu bebia um chá de jurema, me restabelecesse todos os ânimos. (p. 539).



Fig. 3. Canela-de-ema. Serra do Piauí, Piatã - BA.

Subindo mais a serra, chegamos aos candombás, ou, nas palavras de Juarez “chegamos aos **candombás!**” No início pequenos e esparsos (Fig. 4), mas, à medida que avançávamos, cada vez maiores e abundantes (Fig. 5). A visão mental estereotipada do candombá com a qual subi a serra foi logo transformada por aquela diversidade de tamanhos e formas, confirmando que a realidade é sempre mais rica que qualquer descrição!!!



Fig 4. Candombá pequeno. Serra do Piauí, Piatã – BA.



Fig. 5. Candomba de medio porte.
Serra do Piauí, Piatã – BA.

Juarez nos explicou: “a quantidade de candombás aqui não diminui não, ela está é aumentando!” Disse que é apenas a sua família que extrai candombás ali na serra e que “o candombá nunca pode ser

cortado todo, tem que se tirar só uma galhinha de cada pé, porque senão ele morre". Contou que se alguém lhe pedir candombá ele dá, mas que não leva para vender na feira, porque "inclusive nem compensa vender vinte e cinco candombás por seis reais".

Diante de nossa surpresa com o tamanho de alguns candombás, Juarez ficou entusiasmado e nos conduzia ainda mais para cima, de onde tínhamos uma visão linda do vale, para ver touceiras cada vez mais bonitas (Fig. 6), dizendo que ainda podem ficar com tamanho maior do que os que a gente observou.



Fig. 6. Candombá de grande porte.
Serra do Piauí, Piatã – BA.

Juarez sugeriu que a gente volte quando os candombás estiverem "florados", o que ocorre de setembro a dezembro. Esclareceu que nem todos os pés de candombá "floram" e aqueles que "floram" dão apenas uma ou duas flores, que depois se transformam em frutos. Mas foi possível observar os cachinhos (Fig. 7), que Juarez explicou que são o que sobrou dos frutos dos candombás do ano passado, sendo que os pés miudinhos de candombá que pudemos observar no caminho tinham nascido das sementes que caíram dos frutos.



Fig. 7. Candombá com um cachinho. Serra do Piauí, Piatã – BA.

Juarez explicou que o candombá não representa perigo para a mata, pois, quando um raio cai nele, ele fica queimando, mas o fogo não alastra. Os candombás que encontramos queimados pelo caminho (Fig. 8) foram destruídos em um grande incêndio que ocorreu há 6 anos, mas aí já é uma outra história que relataremos mais à frente...



Fig. 8. Caules queimados de candombá.
Serra do Piauí, Piatã – BA.

A ligação ontológica de Juarez com o candombá pode ser resumida em uma frase sua: "Para quem nunca viu é a coisa mais linda do mundo! E agora ele vai para os livros, né? Eu gosto de ver um trabalho assim! As pessoas têm que entender sobre isso porque eu acho que nós não podemos destruir, sabia? O que necessita da pessoa usar, por necessidade, aí tudo bem, mas colocar fogo, destruir por maldade, acabar com a natureza, aí não!"

4 "QUEM OLHA A SERRA PENSA QUE TEM SÓ A SERRA..."

Quem olha assim a serra, pensa que tem só a serra, vê uma coisa só, não pensa na quantidade de coisa que tem... Não imagina, não, que tem tanta coisa! (Juarez).

Na subida da serra, logo que cruzamos o rio Tamborão, nos equilibrando nas pedras, já começamos a perceber que tudo o que de longe nos parecia homogêneo, comportava uma grande diversidade, havendo lá em cima até plantações. A própria serra, aos olhos de Juarez, era diferente de tudo o mais, pois ali é a região dos Gerais; em direção aos Porcos, lugarejo em que ele nasceu, já é agreste, "é tudo mata mesmo", e, para o lado de Abaíra, já é caatinga. Aos meus olhos, não habituados com as idiosincrasias daqueles lugares, era tudo igual... Mas o sertão mais do que um recorte geográfico nítido e uniforme, é uma profusão de diferenças! Mais do que o **grande sertão**, ele é as **veredas**!

E a gente, que subiu a serra do Piauí para procurar só uma coisa, o candombá, encontrou várias outras. Conhecemos a **apitanga**, cujas folhas têm espinhos que, se entrarem na pele não voltam, por serem tipo um anzol.

Ouvimos falar do **cebolão**, que "dá um brotão e uma rosa enorme" e que para Juarez "é a coisa mais linda do mundo!!! Linda, linda, linda, mesmo! Bonita mesmo!" e que "se a gente encontrasse por aqui vocês iam ficar encantados!". Segundo Juarez, o cebolão serve de remédio também, pois "Deus que livre e guarde, se a gente que vive na roça der uma estrepada em alguma coisa, deitou e esquentou ela no fogo assim, fez um emplastro em cima e já era".

Encontramos o **baba-timão**, que "Deus que livre e guarde, se a pessoa levar um corte nem pode usar imediatamente, porque cicatriza na hora". Segundo Juarez, "tem que usar depois de um, dois dias, porque o corte não pode cicatrizar na hora". Ficamos sabendo que já tem até uma enfermeira do Posto de Saúde fazendo experiências com o baba-timão. Ele é muito procurado e a vagem dele é caríssima, pois a árvore não é muito produtiva. As pessoas tiram também umas lascas do caule para tratar as feridas.

Mas também conhecemos o aripã, a quebra-foice, o xique-xique, a jurema, o angico, a cabeça de frade e vimos um mandacaruzinho no meio das pedras, as samambaias no vale e as quaresmeiras floridas na serra... e muitas outras plantas que, com meus conhecimentos biológicos, eu não saberia nomear.

Juarez sabe também da importância dos animais e busca preservá-los. Contou que há poucos dias se deparou com uma jibóia linda, de uns três metros, mas que deixou-a ir embora. Mas ele sabe que "não

pode é vacilar, pois se ela pegar a pessoa, quebra todinha. Se deixar dar a primeira volta, na segunda volta não consegue tirar não”.

No caminho de volta da serra levamos um grande susto. De repente Juarez começa a gritar: “Um caranguejo, um caranguejo no meu pé”. E sai pulando e agitando o pé desesperado... Todos correm... e eu também corro sem entender bem o que estava acontecendo. Custei a compreender que é assim que naquela região chamam a aranha caranguejeira. Depois que vimos que foi só mesmo um susto e que mataram o “caranguejo”, Juarez explicou: “caranguejo eu tenho matado muitos, porque já morreu uma moça na região picada por ele. Todo ano eu gasto uma botina, que meus irmãos mandam de São Paulo e logo hoje que eu estava descalço, porque quem tá só de chinelo na mata tá descalço, é que foi agarrar um assim no meu pé...”.

Juarez compartilhou conosco, generosamente, seus saberes sobre as propriedades de várias plantas e animais existentes na Serra do Piauí. No entanto, temos que pensar que o reconhecimento da existência de saberes autóctones acerca dos recursos naturais requer a elaboração de normas especiais relativas à apropriação desses saberes. O Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da Unesco defende o estabelecimento de parcerias que reconheçam e compensem as comunidades locais pelo uso de seus saberes e dos recursos naturais locais no desenvolvimento de novos produtos. (CUÉLLAR, 1997).

A relação de complementaridade e interdependência entre a biodiversidade e a diversidade cultural faz com que Reis (2005) defenda a consideração holística da diversidade biocultural nos debates teóricos, nos programas práticos e nos acordos internacionais, promovendo a ampliação da legislação relativa aos direitos de propriedade intelectual dos conhecimentos tradicionais relativos aos recursos naturais.

5 UMA AULA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL...

O IBAMA é a gente mesmo, sabia? (Juarez).

Juarez nos relatou um incêndio que aconteceu na mata há seis anos, “naquela época em que o psicológico das pessoas não ligava pra cuidar da natureza, em que punham fogo, de qualquer jeito, e faziam destruição”. A mata da serra, que “tinha só árvores grandes, grandes mesmo!, foi queimando, queimando, queimando... queimou aqui quinze dias sem parar, quinze dias!!! Esse fogo queimava aí na serra e vinham os bichinhos, os animais desciam prá cá gritando... Ah, rapaz, dava dó no coração!!! O fogo arrasou com tudo. Aí virou só aquele matarão fechado que você vê ali”.

Juarez explica que é contra o fogo, pois o fogo só traz prejuízo. Mas “o pessoal mais antigo chegava aqui e punha fogo prá caçar mocó e aquilo destruí tudo. De uns quarenta anos prá cá as pessoas já foram entendendo, as coisas foram estabilizando mais... Mas por isso a falta de água, de oxigênio e a de mais outras coisas”.

Durante o incêndio as pessoas da região evitaram que o fogo atingisse a mata ciliar que protege a nascente e a margem do córrego, que fica na parte mais baixa da serra, carregando vasilhames de água

amarrados nas costas, o que foi um "sofrimento do diabo!". Do córrego para cima queimou tudo, o fogo começou a passar para a parte de baixo, mas com muito trabalho conseguiram apagá-lo.

O córrego, embora tenha pouca água, que é usada só para beber, não seca devido à proteção da nascente. Aquela é uma mata em que os moradores da região não "encostam uma palha em nada", eles mesmos buscam protegê-la.

Para Juarez, as coisas mudaram muito depois que as pessoas começaram a entender e a cuidar melhor da natureza. Hoje em dia todos sabem que as matas das margens do córrego não podem ser desmatadas. Andando pela mata fechada e escura e por trilhas marginadas por touceiras de cabo-de-marrão, fomos dar próximo ao riacho de água cristalina. Mesmo com o sol bem quente, fica caindo uma chuvinha de orvalho das árvores.

Comentei com Juarez que eles têm mesmo que proteger sempre aquela mata, para terem sempre água. Ele afirmou enfático: "nesta mata a gente não mexe não, de jeito nenhum!". Para ver sua reação, provoqueei, perguntando: "O IBAMA também fiscaliza, né?" Mas, ainda mais contundente, ele respondeu: "Isso aqui prá nós é a nossa segurança... O IBAMA é a gente mesmo, sabia? Olha, tem pessoas que não têm entendimento, mas... não é a gente mesmo que precisa? Então, é a gente que tem que cuidar, que fiscalizar... Você já viu... quanto a gente recebe de oxigênio de um lugar desse aqui? Você vê que você respira um ar apurado. Sente!". Juarez não conseguiu estudar não, porém, segundo ele próprio, não chega a ser totalmente analfabeto não. Mas não é que, com seus saberes de experiência feitos (FREIRE, 2000), acabava de nos dar uma aula de educação ambiental e cidadania? Senti!... e respirei ainda mais fundo...

A percepção de Juarez de que "o IBAMA é a gente mesmo!" traduz o caráter simbiótico crítico e dinâmico da relação entre diversidade biológica e diversidade cultural, conforme retratado no Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da Unesco. Esse relatório afirma que, em meio à rica variedade dos ecossistemas complexos, as comunidades locais adquirem um conhecimento detalhado do funcionamento desses ecossistemas, de forma que a preocupação ambiental toma-se embutida em suas próprias vidas. Sendo assim, as comunidades locais, que dependem dos recursos naturais para sua sobrevivência e que constroem sobre esses recursos um saber autóctone, tornam-se os melhores agentes de proteção e valorização da biodiversidade. (CUÉLLAR, 1997).

Os departamentos governamentais responsáveis pela gestão das florestas não salvarão a biodiversidade. Se munidas de recursos, de poder e de responsabilidades em nível adequado, as próprias populações serão capazes de fazê-lo. (CUÉLLAR, 1997, p. 281).

O saber autóctone das comunidades locais tem relevância não apenas nas estratégias de sobrevivência física, mas também nas estratégias de identidade¹ por elas construídas, mesmo que os indivíduos não tenham plena consciência dos objetivos almejados. (CUCHE, 2002).

¹ A noção de estratégia de identidade sublinha que a identidade não é absoluta, não existe em si mesma, não é constitutiva dos sujeitos sociais. Ela é vista como um meio para se atingir objetivos nas relações entre os grupos sociais, podendo ser construída, desconstruída e reconstruída, de acordo com as situações. (CUCHE, 2002).

6 CAMINHO TORTUOSO... VIDA TORTUOSA

Se tiver uma pessoa que gostar da natureza mais do que eu... tem que ser meu amigo mesmo. (Juarez).

Se o caminho tortuoso da serra com o qual nos deparamos era insuspeito antes da subida, ainda mais insuspeito era o caminho tortuoso da vida de Juarez. Mesmo com o esforço de nos desvencilharmos de nossas pressuposições, é difícil imaginar que uma pessoa "perdida" no meio do sertão da Bahia pudesse ter passado por tantas vicissitudes, que destoam do estereótipo do sertanejo e do camponês.

A família é da região dos Porcos, em Piatã e eram ao todo nove irmãos. Os pais não tinham dinheiro para educar os filhos. O irmão mais velho, assim que pôde, foi para São Paulo e depois um foi levando o outro. Juarez, o mais novo, foi também levado para São Paulo quando tinha 17 anos, começando a trabalhar para viver. Quando todos os filhos já estavam em São Paulo, o pai e a mãe de Juarez foram para lá "arrastados".

Durante os 16 anos de vida em São Paulo ele "andou mundo". Conforme explica, a nossa capital, que é Salvador, ele não conhece, mas conhece o estado de São Paulo inteiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Paraguai, Argentina e todo esse mundo aí... Quando a usina nuclear de Angra foi inaugurada ele estava lá, pois trabalhou durante quatro anos na instalação de "um estacionamento de barco dentro do mar".

Os irmãos de Juarez e a mãe ainda moram em São Paulo, mas o pai de Juarez faleceu por lá e depois de três anos a família trouxe as cinzas dele para sua terra natal. De todos os irmãos, só Juarez resolveu voltar para a Bahia, quando percebeu que a vida lá fora estava ficando difícil por causa da violência e da maldade. Mas o fato que mais influenciou sua volta para a Bahia foi o seguinte: "De madrugada uma criancinha estava chorando... chorando muito, devia de estar com dor de barriga, a pobrezinha, e um vizinho, não conseguindo dormir, foi lá e matou a criança e a mãe. O pai estava fora, trabalhando em Campinas." Foi tão grande a revolta que Juarez sentiu que o máximo que ele ficou em São Paulo foi mais dois anos. Ele disse na época: "não vou criar minha família aqui. Isso não é terra prá homem viver".

Juarez não teve oportunidade de estudar, mas hoje seus filhos já podem estudar numa escola amarelinha que avistamos no vale. Mas os filhos também aprendem em casa: pegam na enxada, mexem com a horta, molham as plantas, limpam..., porque "quem vive na roça tem que saber trabalhar na roça".

Mas Juarez não lamenta o fato de não ter podido estudar. É assim que ele explica: "aprendi muita coisa na vida, pelo menos prá viver, né. Prá viver eu aprendi, graças a Deus. Andei muito, conheci muitos lugares, graças a Deus, trato todo mundo com educação, sei respeitar todo mundo, muito bom, bom

demais, né? Não aprendi nada de ruim nesse mundo, aprendi tudo de bom... dá para ir vivendo." É, é mesmo bom demais, pois de que vale aprender se não for para bem viver e bem conviver?

A vida na serra do Piauí, que fica a apenas 7 km da sede do município de Piatã, afastou Juarez de produtos tecnológicos da modernidade que já são de uso corriqueiro e de fácil acesso nas grandes cidades, como televisão e geladeira, devido à falta de energia elétrica. Por outro lado, Juarez tem intimidade com o GPS, pois já trabalhou com engenheiros fazendo medição de terras em várias cidades da Bahia, e já teve também oportunidade de observar sucuris de cinco metros no rio Paraguaçu, utilizando binóculos de longo alcance.

Juarez explica que, se algum dia seus irmãos resolverem voltar com suas famílias, tem muita terra, e terra de qualidade, para todo mundo. Tem casa na serra e é tudo cercado, bem documentado e os impostos são pagos todo ano. Mas ele não volta para São Paulo não. E ele esclarece o motivo: "se tiver uma pessoa que gostar da natureza mais do que eu... tem que ser meu amigo mesmo. Eu não nasci pra morar em capital. Eu gosto da natureza, das roças... de um local assim".

Tomando como objeto de estudo o convívio da educação com o tema do arcaísmo econômico e cultural, Freitas (2005) discute como as políticas de desenvolvimento sustentadas pela racionalidade econômica contemporânea buscam superar a rusticidade, vista como obstáculo à modernização. Para o autor, o discurso educacional posicionou-se ao longo do tempo sobre as funções da escola em relação aos alunos rústicos, promovendo representações diferenciadas e contraditórias, em que emergem tanto a generosidade e a confiança nas potencialidades construtivas da cultura popular quanto a sua desqualificação.

Muitas representações que desqualificam a rusticidade são construídas antes mesmo do contato com o ser humano considerado "rústico", "atrasado" ou "subdesenvolvido", o que evidencia que elas não refletem uma estrutura material, mas constroem um campo de autoridade cujo objetivo é suprimir o outro.

É preciso que nós educadores nos deixemos tocar pelo outro, pelo desconhecido. A atitude de ir ao encontro do homem "rústico", buscando estabelecer com ele uma relação de reciprocidade, pode ser o primeiro passo para a construção de currículos que promovam uma interação dinâmica entre diferentes lógicas e padrões culturais e questionem os discursos que silenciam e estereotipam as pessoas percebidas como diferentes.

7 "O QUE SE PROCURA ACHA...", MENOS OS "QUÍMICOS"

Na serra do Piauí vivem apenas três famílias: a de Juarez, abaixo do rio Tamborão, a da sogra e a do cunhado de Juarez, acima do rio Tamborão. Todos vivem do cultivo de café e de frutas, culturas que fazem parte da vocação agrícola da região. No ano passado, o sol maltratou muito a lavoura e os grãos de

feijão estão pequenos. Mas esse ano, para alegria de Juarez, parece que vai ter muita chuva na região, pois a caatinga está cheia de canjão de ovelha com suas flores amarelas.

A lavoura na serra também é prejudicada pela falta de recursos para investimento, de irrigação eficiente e de energia elétrica. De acordo com Juarez, não dá nem mesmo para colocar uma bomba. Embora seja um lugar muito bom para se morar, falta também uma ponte sobre o rio Tamborão, pois quando chove o nível da água sobe muito e ninguém passa. Existe uma ponte que permite o acesso de veículos à serra para transportar os produtos da lavoura, mas fica distante.

Da plantação de abacaxis, foram colhidas mais de 1000 unidades no ano passado, mas foram vendidos apenas 600. Como Juarez não consegue comercializar os abacaxis no atacado e não tem CEASA na região, eles são vendidos um a um na feira, o que resulta numa perda muito grande.

Nos pomares há pés de muitas frutas, como laranja, poçã, manga, laranja, jaca, acerola, goiaba, siriguela, no entanto a falta de uma geladeira faz com que se perca grande parte da produção. Mas o solo é fértil. Segundo Juarez, basta roçar, socar e jogar a muda de abacaxi e nasce um abacaxi igual um "melzinho". Ali tudo é produzido pela natureza, tudo é orgânico, tudo é natural. Ele explicou que não trabalha "com químicos não, de jeito nenhum".

No quintal de casa, segundo Juarez, "o que se procura acha" e todos os legumes também são orgânicos. Tem cravo, canela, jambo do Pará e urucum, que é bom para o coração, para pressão alta e para abaixar o colesterol. A partir do urucum ele produz o coraú para tempero, moendo as sementes com fubá de milho. Tem até uma plantação experimental de arroz!

Ao contrário da cidade vizinha de Abaíra, em que há uma série de constrangimentos ambientais, sociais, econômicos e culturais à diversificação das lavouras, sendo a produção da cachaça e de outros derivados da cana-de-açúcar a fonte essencial de subsistência da população local, em Piatã evidencia-se uma maior amplitude de alternativas econômicas disponíveis aos agricultores.

Vendo uma plantação de cana e sabendo que em Piatã também se produz cachaça e rapadura, perguntei qual a sua finalidade. Juarez explicou que a cana é para os moleques chuparem e tomarem uma garapa gostosa e também para fazer um vinagre natural. Ele disse que a cachaça dá dinheiro, mas que também dá muito prejuízo, pois "tem muitas pessoas que invemaram na cachaça na região, perdendo tanta coisa boa...".

8 SEMPRE EM TRAVESSIA...

De início eu pretendia conhecer apenas um pouco mais sobre o candombá... mas o candombá me apresentou *Os Sertões*, que me conduziram ao *Grande Sertão: Veredas*, que me preparou para ver e entender como cada sertanejo "vê e entende as coisas dum seu modo". (ROSA, 2001, p. 33). Daí, conheci Juarez e como é única a sua relação com o candombá... e, através de Juarez, me embrenhei em um ecossistema, também único, onde o candombá prolifera... Como nos lembra Paulo Freire, "a relação de

conhecimento não termina, ou seja, a relação [de conhecimento] não é exclusiva de um sujeito cognoscente com o objeto cognoscível. Prolonga-se a outro sujeito, tornando-se, no fundo, uma relação sujeito-objeto-sujeito". (FREIRE, 2000, p. 120).

Ainda não sei onde essa trama em que o candombá se encontra e que nos entrelaça, enquanto sujeitos, vai nos levar... Essa trama faz parte da densa trama da própria vida, com tudo o que ela comporta de beleza e de incerteza. Como nos lembra Guimarães Rosa, "o real não está nem na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia". (ROSA, 2001, p. 80).

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. [...] a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver não é muito perigoso? (ROSA, 2001, p. 51).

Agora estou entretida com um outro ponto de chegada: ver, cheirar e tocar a flor do candombá!... e também fotografá-la! Mas até que ponto do outro lado do rio essa correnteza vai me levar...? E será que eu entrei nesse rio por acaso...?

REFERÊNCIAS

- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- CUÉLLAR, Javier Pérez de (Org.) **Nossa diversidade criadora**: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Campinas: Papyrus, Brasília: Unesco, 1997.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autores/euclidesdacunha/sertoos/sertoos.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2005
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um encontro com a pedagogia do oprimido. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FREITAS, Marcos Cezar de. **Alunos rústicos, arcaicos e primitivos**: o pensamento social no campo da educação. São Paulo: Cortez, 2005.
- REIS, Ana Carla Fonseca. Diversidade cultural e biodiversidade: patrimônios interdependentes e pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2006, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2006. 1 CD-ROM.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.